Simpsons e South Park:
o sucesso do politicamente incorreto

Clara Machado, Gabriel Mendes, Gustavo Rotstein e Joana Jabace

Nada mais característico do comportamento médio americano do que obedecer aos preceitos do que é considerado politicamente correto. E nada mais característico do novo humor americano do que ser politicamente incorreto. Trazendo alguma novidade para a já tradicionalmente auto-centrada cultura americana, a sátira dos desenhos animados *Os Simpsons* e *South Park* popularizou, nos anos 90, a incorreção no comportamento e o escracho das relações cotidianas nos Estados Unidos.

Desde *Os Flintstones* e *Os Jetsons*, na década de 60, os americanos não sentavam com tanto prazer em frente à TV para assistir a um desenho animado. Hoje, adultos e crianças se curvam diante do sucesso de *cartoons* que se utilizam do humor irônico e crítico ao modo de vida da sociedade americana.

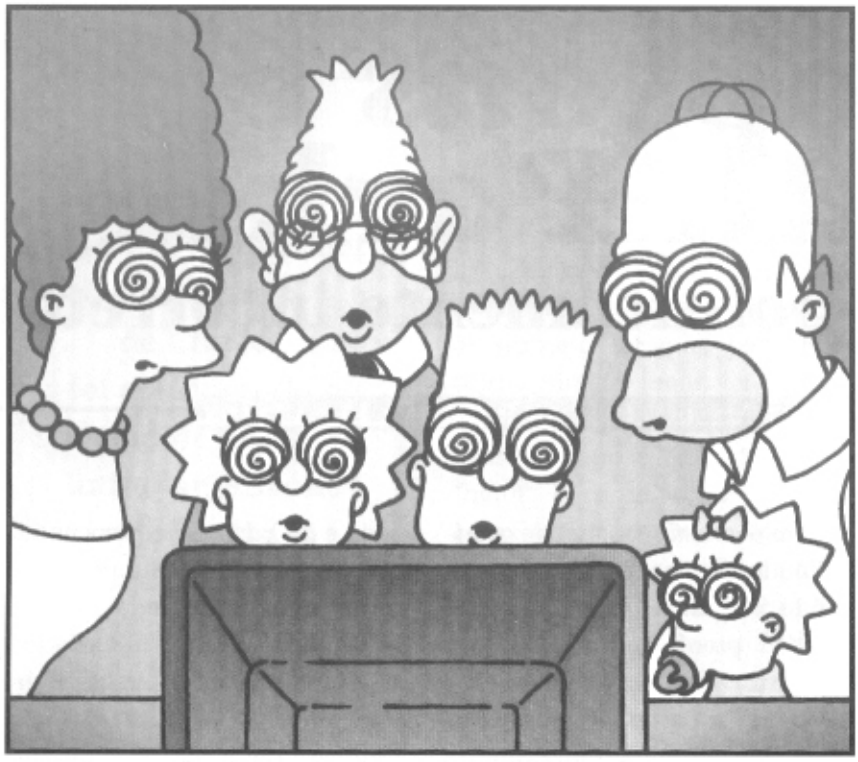
Um marco fundamental, se não fundador, dentro desse tipo de humor é o desenho de Matt Groening, *Os Simpsons*. O sucesso do humor do politicamente incorreto tem na família Simpson o seu maior representante. Na esteira desse sucesso, houve possibilidade de aparecimento do conteúdo sarcástico e impolido da estética precária de *South Park*. Portanto, Bart e Homer, de *Os Simpsons*, e Cartman ou Stan, de *South Park*, representam tudo o que os ditames tradicionais do comportamento americano condenam e ainda atacam alguns dos maiores ícones morais da sociedade ianque.

> **"Através de sua estupidez ingênua, o chefe da família Simpson ridiculariza o homem médio americano."**

Anteriores à turma do *South Park* Bart; Homer, Magge; Lisa e Margie são tudo que uma família americana não quer – ou não deve – ser. A começar por Homer, o pai, que encarna o avesso do protótipo do chefe de família ideal dos subúrbios dos EUA. A figura do herói, cristalizada no pai, cai por terra na careca cansada e na barriga despreocupada do beberrão Homer Simpson. Medíocre intelectualmente, ele dá mais atenção a um filho do que ao outro, mas não se responsabiliza por nenhum dos dois. Totalmente inábil no seu trabalho, só se interessa em ficar parado em frente à TV, sentado no sofá tomando cerveja. Através de sua estupidez ingênua, o chefe da família Simpson ridiculariza o homem médio americano.

Homer Simpson e seu travesso filho Bart marcam nos *Simpsons* a mesma crítica à classe média americana que os meninos Stan, Kyle, Kenny e Cartman simbolizam em *South Park*. As quatro crianças que vivem em *South Park*, no Colorado, não poupam ninguém de suas críticas ácidas. Não há credo, raça ou religião – ou qualquer minoria – que escape da esculhambação dos meninos criados por Trey Parker e Matt Stone. Com desleixos colossais em relação ao tão propalado respeito à diversidade social, *Simpsons* e *South Park* são hinos à incorreção política e ao escracho explícito dos símbolos americanos.

Nessa derrocada de ícones, além do pai de família, outros personagens caricatos e representa-



Os Simpsons *ridicularizam os valores da classe média americana*

tivos da sociedade média americana são avacalhados sem a menor ressalva. Em *South Park*, a prefeita é extremamente populista e está muito mais preocupada em aparecer bem na televisão do que em governar com eficiência. Além disso, ainda dá sinais de burrice abissal. O uso e a facilidade de conseguir armas nos Estados Unidos é outro ponto fundamental da crítica de *South Park*. O tio de Kyle, Jimbo, é viciado em caça e, junto com seu amigo Ned (caricatura esdrúxula de um veterano de guerra que mal consegue falar), bebem cerveja e estouram, com um arsenal potente, qualquer coisa que, durante suas freqüentes caçadas, lhes passe pelos olhos.

Seguindo o carrossel de deboches, a polícia desfila papéis patéticos. Nos *Simpsons*, o policial chefe só se preocupa em comer *donuts* (alusão clara ao tradicional hábito dos policiais americanos) e apresenta profunda estupidez para realizar sua função. Da mesma maneira, em *South Park*, o policial, que a cidade especula ser analfabeto, se preocupa com as coisas mais banais – principalmente com as relacionadas ao politicamente correto – e ignora os perigos reais da cidade.

O espetáculo da irreverência se consolida. A família *Simpson* e os quatro meninos de *South Park* vão de encontro a tudo aquilo que diz respeito à moral e aos bons costumes do senso comum americano. Seja nas palavras de Cartman contra os "idiotas hippies" ou no deboche de Bart e Homer em relação à religiosidade excessiva de seu vizinho Flanders. Tanto a cidade dos quatro meninos arredondados como a Springfield da família *Simpson* caricaturam um mundo americano cheio de vícios e contradições.

A expressão da família fracassada também é um paralelo entre os dois programas. A obesidade mental e o raquitismo intelectual de Homer têm seu equivalente, em *South Park*, na estupidez e na superproteção exercida pela mãe de Eric Cartman. O arquétipo de família perfeita é estraçalhado. Principalmente quando nota-se que esse zelo demasiado encobre, de fato, uma despreocupação e uma negligência com a educação de Cartman.

A escola e os idosos são outros alvos da metralhadora giratória da trama dos *Simpsons* e de Kyle, Kenny e seus amigos. O professor da escola de *South Park* beira o autismo, dá indícios de psicopatia e só consegue se comunicar com os alunos através de um fantoche. Nos *Simpsons*, Abe Simpson, pai de Homer, vive em um asilo onde os idosos são tratados com descaso por seus parentes. Para a família de Homer e Marge, sair para passear com o vovô, que mal tem energia para andar, é um estorvo.

Com citações constantes a pessoas famosas do universo cultural e político, *Simpsons* e *South Park* não relutam em criticar e satirizar as instituições e os ícones que balizam a sociedade americana. A família Baldwin, de atores hollywoodianos, por exemplo, nunca é perdoada. Assim como não evitam uma crítica perspicaz ao chamado "culto da personalidade", tão recorrente nos Estados Unidos. Isso fica claro no sarcasmo com que o desenho trata a reverência que os moradores de Springfield prestam à estátua de Jebediah Sprin-

gfield, fundador da cidade. A nobreza atribuída pelos americanos à sua história é também ridicularizada. Assim, esse humor simbolizado pelos *Simpsons*, e que mais tarde recebeu continuidade com o sucesso estrondoso de *South Park*, tem sua maior faceta no olhar sarcástico que lança para dentro de seu próprio país de origem. Isso se dá através de uma crítica descompromissada com qualquer ideal, e que por vezes beira a irresponsabilidade e a escatologia.

Os traços rudimentares da estética de *South Park* e os originais seres amarelos de quatro dedos de Os *Simpsons* são produtos de grande sucesso na indústria cultural americana nos anos 90. O programa de Groening é tão reconhecido no país que dezenas de personalidades – da música, do cinema e do esporte principalmente – já participaram do desenho. Seja cedendo a voz a personagens ou "interpretando" mesmo, já passaram por Springfield: Magic Johnson, Neil Armstrong, Elisabeth Taylor, Stephen Hawkin, Michael Jackson, entre outros. Homer, Marge, Bart, Lisa e Maggie conseguiram até reunir os Beatles. George Harrison, Ringo Starr e agora Paul McCartney já participaram do desenho.

O começo

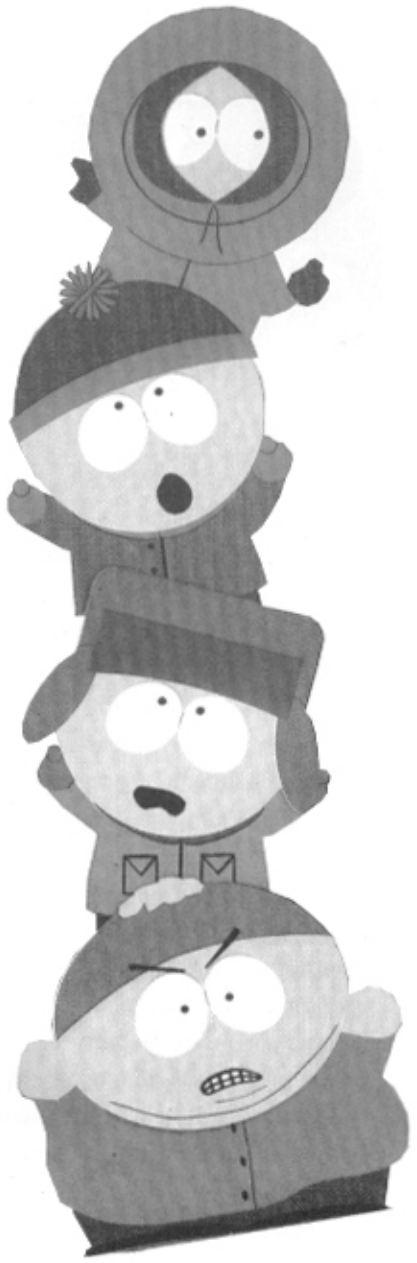
O humor satírico, e muitas vezes grotesco, não é a única similaridade entre essas duas produções. Outra semelhança é a despretensão com que seus criadores desenvolveram seus projetos e, na mesma proporção, o inesperado e meteórico sucesso que alcançaram.

O criador dos *Simpsons*, Matt Groening, começou sua carreira fazendo sucesso com uma tira para jornal conhecida como *Life In Hell*. Groening confessou à Oprah Winfrey, apresentadora de um famoso programa da TV americana, que inventou *Os Simpsons* em quinze minutos, na sala de espera do escritório do produtor James L. Brooks.

Produzido pela Gracie Films para a Twentieth Century Fox, o desenho começou como uma pequena inserção no programa *The Tracey Ullman Show*, no dia 19 de abril de 1987. Logo se tornou uma grande atração, até se transformar em série, estreando nos Estados Unidos no horário nobre, às 20 horas do dia 17 de dezembro de 1989. No Brasil, o programa foi exibido pela Rede Globo, depois pelo Multishow e atualmente é exibido pelo SBT e pela Fox.

De acordo com o produtor e diretor, David Silverman, as vinhetas de *The Tracey Ullman Show* levavam aproximadamente quatro semanas para ficarem prontas. Atualmente, a produção leva seis meses para criar um episódio de *Os Simpsons*.

Processo parecido aconteceu com *South Park*, criado por Trey Parker e Matt Stone. Parker e Stone se conheceram na Universidade do Colorado, onde estudavam cinema, e em 1995 foram contratados por um executivo da Fox para fazer um vídeo-cartão de Natal. A dupla acabou produzindo *The Spirit of Christmas*, um curta onde Jesus e Papai Noel lutam Kung-Fu para saber quem



South Park *é implacável com a mediocridade*

é o mais importante do Natal. Apesar de ter apenas cinco minutos, o episódio virou sensação entre os executivos de Hollywood e, a partir daí, começaram a chover propostas de todas as emissoras para a dupla de autores. Pela liberdade de criação oferecida, eles assinaram contrato com a produtora *Comedy Central*. Desde sua estréia, em 1997, o programa se tornou um fenômeno de popularidade.